

DIFICULDADES METODOLÓGICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E O IMPACTO DAS FERRAMENTAS COLABORATIVAS EM TURMAS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADORA ROSEANA SARNEY DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR – MA.

Diana Maria Barros de Sousa⁴

Elizangela Sales dos Santos

Maria José Costa Prado

Mônica Simone Rodrigues Castro

Raimunda Nonata Rabelo de Almeida

RESUMO

Este artigo trata da importância da alfabetização com base no letramento e os avanços das novas tecnologias e o uso que se faz delas, em sentido das mudanças sociais no cenário da educação. Dentre a aprendizagem colaborativa, entretanto, a oportunidade que contribuirá a produção de conhecimento e a qualidade de ensino. Atualmente está evidente como a educação está passando por um momento ímpar e a tecnologia apresenta-se como ferramenta importantíssima neste processo.

Precisa-se ressignificar a educação e o ato de alfabetizar letrando tornou-se imprescindível neste momento, onde as práticas educativas estão pautadas na interação com a internet, que desde a pandemia da COVID !9 passou a ser instrumento decisivo para a educação acontecer.

O professor passou a utilizar a internet e todas as suas ferramentas para poder se fazer presente junto aos lares dos alunos e assim fazer valer o conhecimento. Na medida em que lançou mão de várias ferramentas tecnológicas e se permitiu conhecer e fazer o aluno conhecer novas possibilidades.

Desta forma pensamos em investigar como estas ferramentas tecnológicas podem continuar a dar suporte no fazer pedagógico presencial, momento do alfalettrar, tão necessário nas páticas atuais do professor alfabetizador de séries iniciais.

⁴ Alunas de Pós-Graduação (MBA) da Formação Faculdade Integrada, em curso ofertado mediante parceria estabelecida entre o Instituto Formação com a Secretaria Municipal de Educação de São José de Ribamar.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que as concepções de alfabetização são históricas e variam ao longo do tempo. Nas seis últimas décadas, mudou-se radicalmente as concepções neste cenário. A priori, nos anos 1950, nosso país, ainda entendia por alfabetizados quem sabia assinar o próprio nome, hoje entende-se que os recém-alfabetizados sejam capazes de ler e compreender textos, além de conseguir produzi-los com autonomia.

No meio dessa trajetória, vivemos o que a Professora Magda Soares (2003^a e 2003b) denominou de “desinvenção” da alfabetização. Esta proposta de “hegemonia do discurso do letramento”, onde muitos educadores – e, inclusive, alguns estudiosos do campo da alfabetização – passaram a defender que seria necessário ensinar, sistematicamente, a escrita alfabética, porque os alunos a aprenderiam de forma natural e espontânea, bastando para isso que vivenciassem, diariamente, na escola situações em que lessem e produzissem textos do cotidiano social e escolar, de modo a oferecer uma prática significativa aos educandos.

Diante deste contexto, espera-se que uma criança seja alfabetizada ao frequentar os anos iniciais do ensino fundamental. Isso não depende exclusivamente de sua idade, mas sim de fatores importantes, que determinam a rapidez e a facilidade com que ela desenvolva a leitura e a escrita, por exemplo: a sua autoestima, o incentivo da família, do professor, os procedimentos didáticos e outros fatores que, no desenvolvimento do nosso trabalho, serão ressaltados

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) “define que os estudantes devem aprender a cada etapa de ensino, estipulou que as crianças fossem alfabetizadas até o 2º ano do Ensino Fundamental, ou seja, geralmente aos 7 anos de idade”

Sendo assim, é importante que a criança se aproprie da leitura e da escrita, pois vivemos em uma sociedade letrada, que além de codificar e decodificar as palavras, elas devem compreender os usos sociais da escrita, levando em consideração a faixa etária vigente.

As práticas sociais requerem do aluno habilidade de reflexão que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias resolução das questões apresentadas pelos textos. Essa atividade é realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal mediador, agrupando os alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles, promovendo a heterogeneidade do grupo como um instrumento a serviço de troca, de colaboração e conseqüentemente, da própria aprendizagem, principalmente quando a turma é numerosa e o professor(a) não pode atender a todos os alunos do mesmo modo e ao mesmo tempo.

Atualmente, percebe-se uma grande dificuldade por parte de alguns professores na compreensão da prática dos métodos de alfabetização já existentes e a atual de teoria de

alfabetização e letramento proposta pela Professora Magda Soares, com embasamento na teoria da psicogênese da língua escrita proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosk. Alguns professores entendem que somente o uso de texto pode alfabetizar e isto gera um grande transtorno no processo de alfabetização e letramento.

Segundo Magda Soares é necessário inserir o aluno nas práticas de leitura, apresentando todos os gêneros textuais que circulam na sociedade e daí partir para a estrutura da palavra e decodificá-las. De acordo com Arthur Gomes Moraes, é necessário além de inserir o aluno em práticas sociais de leitura, apresentar as regras do nosso sistema de escrita alfabética, acreditando que sem o conhecimento destas não é possível alfabetizar e letrar a criança.

Desta forma, é importante a compreensão por parte dos professores que métodos e teorias são coisas diferentes e indissociáveis e que para alfabetizar e letrar é necessário buscar informações e traduzi-las em práticas significativas para o estudante, assegurando desta forma, um processo de alfabetização e letramento com eficácia.

Não podemos deixar de lado outro fator importantíssimo no atual processo de alfabetização e letramento de nossas crianças que são as ferramentas colaborativas, que nos últimos anos tornaram-se tão necessárias e auxiliadoras neste processo.

A educação moderna e o uso das ferramentas colaborativas para os professores em sala de aula tornaram-se um componente indispensável e indissociável em nossa sociedade contemporânea tornando a aula mais prazerosas e criativas, possibilitando o trabalho de forma interdisciplinar. Segundo, (MORAM, 200, pág. 32) “a internet pode favorecer bastante para o processo de ensino na alfabetização, pois é o momento em que vários aspectos devem ser desenvolvidos nas crianças, podendo, com auxílio da internet, elaborar diversas atividades”

A tecnologia tem se apresentado como fator importante nas práticas educativas, sendo uma aliada no desenvolvimento de rotinas escolares mais dinâmicas e inovadoras.

Pensando na prerrogativa de alfabetizar letrando o aluno nas séries iniciais do ensino fundamental é que nos propusemos a este trabalho, no sentido de buscar respostas aos seguintes questionamentos: o que é teoria e o que são métodos de alfabetização? existe um método apropriado para alfabetizar com sucesso? Quais os problemas enfrentados pelos professores durante o processo de alfabetizar letrando? Como as ferramentas tecnológicas podem influenciar no processo de alfabetização e letramento? Os problemas estruturais da escola, como quantidade de aluno por turma e espaço influenciam na prática educativa? Os problemas sociais, tais como fome, infrequência do aluno, baixa ou inexistência do acompanhamento familiar também influenciam neste processo?

O presente trabalho objetivou analisar como ocorre o processo de alfabetização e letramento no 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Governadora Roseana Sarney e quais as contribuições do uso das ferramentas tecnológicas para o processo de

ensino aprendizagem matriculadas nessa série.

Definimos para a realização da pesquisa, os seguintes objetivos:

- Conhecer os problemas enfrentados pelos professores do 2º ano da Escola Municipal Governadora Roseana Sarney, situada no município de São José de Ribamar relacionados aos métodos de ensino no processo de alfabetização e letramento e o uso das ferramentas tecnológicas no fazer pedagógico diário;
- Analisar as especificidades dos processos de alfabetização e letramento, numa perspectiva socio linguística;
- Conhecer as teorias e metodologias que vêm orientando o ensino e aprendizagem em alfabetização, no 2º ano do ensino fundamental na escola Municipal Governadora Roseana Sarney;
- Observar a aplicabilidade dos métodos de alfabetização por parte de alguns professores e correlacioná-los a seus fundamentos teóricos;
- Analisar materiais impressos de alfabetização à luz dos métodos e das novas propostas pedagógicas;
- Identificar os problemas enfrentados pelos professores diante da aplicabilidade do uso das ferramentas tecnologias no contexto atual da alfabetização na referida escola.

O presente trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica e a aplicação de questionário na escola. A pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo na escola Municipal Governadora Roseana Sarney, situada no município de São José de Ribamar ocorreu de acordo com o cronograma de execução abaixo.

DATAS	ATIVIDADE REALIZADAS
06/01 a 28.01.2023	Realização do Pré – projeto
29.01.2023	Entrega do Pré-projecto – Coordenação de Curso
08.08.2023	Visita na escola para observação e aplicação de questionário
12.08.2023	1ª reunião para análise e copilação de dados
18.08.2023	2ª reunião para análise e copilação de dados
28.09.2023	Elaboração do projeto – conclusão/Apresentação de resultados

2. CONCEITUANDO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A questão da alfabetização tem sido, ao longo da história da educação brasileira, bastante controversa e polêmica. Diferentes autores e autoras contemporâneos têm contribuído significativamente com a produção acadêmica nesse campo e procurado conceituar, problematizar e teorizar o que é a alfabetização. O mais prudente talvez seja falar em alfabetizações, ou das muitas facetas da alfabetização (SOARES, 1985, 2016). Entre as mais importantes contribuições do campo estão justamente as de Magda Soares (2003a, 2003b, 2004a, 2010, 2016). Em diferentes obras, para ela, alfabetização é:

[...] processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. [...] Adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler). A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler) (SOARES, 2003a, p. 15-16).

Outros autores podem ser aqui referidos no que tange, ainda, ao conceito de alfabetização. Nesse sentido, para Tfouni (2000, p. 9) trata-se da

[...] aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito individual.

Outros pesquisadores do campo definem a alfabetização nos seguintes termos:

[...] processo sistemático de ensino e não só de aprendizagem da escrita alfabética. [...] Temos defendido que o sistema de notação alfabética constitui em si um domínio cognitivo, um objeto de conhecimento com propriedades que o aprendiz precisa reconstruir mentalmente, a fim de vir a usar, com independência, o conhecimento de relações letra-som, que lhe permitirá ser cada vez mais letrado (MORAIS, 2006, p. 2-3).

Para os autores supracitados, a alfabetização centra-se no ensino e na aprendizagem do sistema alfabético, perspectiva de modo algum dispensável ou secundária na ação pedagógica; contudo, insuficiente no contexto da educação brasileira. Somos uma nação com determinadas características históricas, econômicas, políticas, culturais, geográficas, étnicas, geracionais e, nesse caso, principalmente, educacionais e escolares, que nos diferem de todas as outras.

Nesse contexto, a compreensão e a ação pedagógica que contemplem e façam valer, no cotidiano escolar, a alfabetização como um ato político e de conhecimento, criador,

criativo, inventivo, articulado à história de cada um, como espaço-tempo de exercer o direito de cidadania, de oportunidade de dizer a sua palavra, a palavra mundo, são imprescindíveis. Assim, se a primeira premissa da alfabetização como projeto político e prática cultural está na compreensão da sua dimensão criadora e formativa, como um ato de conhecimento (cognitivo, social, afetivo, identitário, linguístico), de autoconhecimento e de conhecimento de mundo, como premissa mais geral, a segunda está justamente na dimensão prática, da ação pedagógica em sala de aula.

Nessa perspectiva, o ensino da leitura e da escrita (o domínio do sistema de escrita alfabética) precisa necessariamente considerar o poder discursivo da linguagem, compreendendo que “a palavra – oral ou escrita – é, ou pode ser, ao mesmo tempo, meio/modo de interação, meio/modo de (inter e intra) regulação das ações, e objeto de conhecimento” (SMOLKA, 2014, p. 23).

Para a autora, “a ênfase na relação social e na prática dialógica caracteriza a dimensão discursiva” (SMOLKA, 2014, p. 23) da alfabetização. A alfabetização é compreendida, pois, como uma prática cultural que articula pensamento-linguagem-mundo, como a construção de uma semântica mundo, porque “a palavra é o lugar onde é encenada uma disputa contínua e oculta entre nossas diferentes avaliações do mundo, uma luta para interpretar e criar a realidade e participar dela” (GOLDIN, 2012, p. 52).

O indivíduo, independentemente da classe social, percorre os caminhos para se apropriar da língua escrita, passando por níveis estruturais de pensamento. Esses níveis foram intitulados por Emília Ferreiro (1999) de nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético.

As primeiras ideias infantis sobre a escrita referem-se a variadas hipóteses que “reinventam” o sistema alfabético. Inicialmente, as crianças descobrem que escrever não é a mesma coisa que desenhar. Segundo Ferreiro (1999), essa diferenciação entre desenho e escrita geralmente já acontece mesmo antes da criança entrar na escola, pois ela está inserida em uma sociedade grafocêntrica.

Para Ferreiro (2001, p.9) tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” da criança. Neste sentido, a criança tem o seu momento certo de aprender, isso nos leva a entender que nem sempre o momento de uma criança sejam mesmo momento de outra criança, é relativamente diferente o nível, pois cada criança tem o seu momento de aprender, dependendo do grau de maturidade que ela tenha.

A criança e o adulto em fase de alfabetização usam a estratégia fonológica (escrever como se fala). Nesta fase, a leitura e a escrita apoiam-se em estratégias diferentes.

De acordo com Soares citada por Morais e Albuquerque (2007, p. 47):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e

escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

Para uma pessoa se tornar letrada, ela precisa ter experiências culturais com práticas de leitura e escrita, práticas estas que são adquiridas antes da educação formal. Porque se uma convive em ambiente letrado, com pessoas que leem, que tem contato com revistas, jornais, gibis, qualquer coisa que a leve a pensar em leitura, certamente ela se motivará para ler e escrever, começando desde cedo a poder refletir sobre as características dos diferentes textos os quais tem acesso.

De acordo com Soares (2011), o termo letramento é uma tentativa de tradução do inglês Literacy, significando “o estado ou a condição de se fazer usos sociais da leitura e da escrita”. O letramento difere da alfabetização, que é o processo formal de ensinar a ler e a escrever. Kleiman citado por Lira (2006), diz que o letramento ocasiona mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas a partir da inserção dos indivíduos nas sociedades tecnológicas e, por isso, mesmo o analfabeto poderá ser letrado de acordo com seu convívio social. Portanto, o letramento extrapola o mundo da escrita.

Letramento é um “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito” (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 7). Ou seja, letramento é além de saber ler e escrever, entender o que se ler e se escreve, relacionando dessa forma com o contexto social, sua experiência cotidiana.

3. RELAÇÃO ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Magda Soares, defensora e propulsora do letramento no Brasil, publicou, em 2016, o livro *Alfabetização: a questão dos métodos*. Primeiro, é importante perceber que, ainda na apresentação do livro, a autora, ao apresentar os marcos da sua trajetória de estudiosa e pesquisadora da alfabetização, enumera três trabalhos de sua autoria: o texto *As muitas facetas da alfabetização* (1985); o artigo *Letramento e alfabetização: as muitas facetas* (2004a); e o artigo *Formação de rede: uma alternativa de desenvolvimento profissional de alfabetizadores/as* (2014). A primeira pergunta que se impõe é: Letramento: um tema em três gêneros (1998), livro amplamente citado e utilizado na formação docente, por que não é sequer referido?6 Certamente sabedora da inevitável curiosa pergunta, a própria autora antecipa tal questionamento ainda na apresentação dizendo justamente que o leitor talvez estivesse fazendo a seguinte indagação: “uma autora que tanto insiste na indissociabilidade entre alfabetização e letramento, por que este livro só aborda a alfabetização? E o letramento?” (SOARES, 2016, p. 12). Ao final da leitura do denso e aprofundado estudo da pesquisadora, compreende-se a perspectiva adotada, tal como ela deseja ainda na apresentação: que a opção fosse convincente.

No livro, ela justifica e analisa cuidadosa e criteriosamente a faceta linguística da alfabetização, optando por não abordar aquilo que (re)define como letramento: a faceta interativa e a faceta sociocultural da língua escrita. A primeira tem a ver, segundo a autora, com “a língua escrita como veículo de interação entre as pessoas, de expressão e compreensão de mensagens” (SOARES, 2016, p. 29); a segunda refere-se a “usos, funções e valores atribuídos à escrita em contextos socioculturais” (SOARES, 2016, p. 29). Não teria Magda Soares percebido que, de certa forma, o discurso do letramento estaria, pela sua imprecisão e certa “vulgarização”, esvaziando o campo da alfabetização? Talvez sim. Logo, é preciso reconhecer que estamos em um momento científico importante no Brasil para reconfigurar o debate, tanto da alfabetização quanto do letramento. Defende-se, então, que nessa reconfiguração o letramento não seja associado tão diretamente – e quase exclusivamente – ao campo do ensino inicial da leitura e da escrita. Desde meados dos anos 1990, a pesquisadora supracitada vem discutindo a relação entre alfabetização e letramento, esse último definido como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 1998, p. 18). O debate do letramento ganhou visibilidade na produção acadêmica e editorial, bem como nos documentos de políticas públicas de educação e no cotidiano das escolas, sempre associado à alfabetização. É, ainda, Soares quem afirma:

dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004a, p. 11, grifos da autora).

Outro importante pesquisador, o inglês Brian Street (2003, 2010, 2013, 2014) considera que o letramento tem, pelo menos, duas perspectivas e as denomina de “modelo ideológico” e “modelo autônomo”. Para esse autor, o modelo autônomo pressupõe uma forma única, invariável e universal de letramento, definido principalmente pelo conjunto de habilidades técnicas, padronizadas e ensinadas arbitrariamente. Assim, de acordo com Street (2003, p. 4), “[...] o modelo ‘autônomo’ de letramento funciona com base na suposição de que em si mesmo o letramento – de forma autônoma – terá efeitos sobre outras práticas sociais e cognitivas”.

O autor considera que esse modelo escamoteia os aspectos culturais e ideológicos em que tais práticas estão baseadas, supondo uma neutralidade e universalidade que, segundo ele, têm como consequência “[...] a imposição de conceitos ocidentais de letramento a outras culturas” (STREET, 2003, p. 4). Assim, é preciso compreender que “a abordagem autônoma simplesmente impõe concepções particulares, dominantes de letramento a outras classes sociais, grupos e culturas” (STREET, 2013, p. 53). No modelo ideológico, no entanto, o significado de letramento envolve os âmbitos culturais, políticos e ideológicos, bem como os modos que as práticas de leitura e escrita realmente assumem em determinados contextos sociais. De acordo com Street (2013, p. 53-54),

4. FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS E ALFABETIZAÇÃO

Pensando diante deste contexto, o uso das ferramentas colaborativas para os professores em sala de aula e as novas tecnologias se tornou um componente indispensável e indissociável em nossa sociedade contemporânea em relação a informação que nos apresenta de forma rápida impactando diretamente em nossas atividades desenvolvidas. Atualmente é improvável pensar no progresso sem tecnologia.

“A tecnologia tem se apresentado como principal fator de progresso e de desenvolvimento no paradigma econômico vigente, ela é assumida como um bem social e, juntamente com a ciência, é o meio para a agregação de valores aos mais diversos produtos, tornando-se a chave para a competitividade estratégica e para o desenvolvimento social e econômico” (SILVEIRA E BAZZO, 2009, P. 682)

A educação diante desse cenário, está se modernizando, fazendo com que as metodologias do ensino e o uso das ferramentas tecnológicas para o educador se interliguem e contribuam para uma melhor qualidade do ensino aprendizagem. Sendo assim, esse processo melhora e personaliza o aprendizado, de acordo, com o perfil de cada estudante. Atendendo assim as suas necessidades e avanços com conteúdos de fácil assimilação para o educando.

Um dos grandes desafios dos educadores era a mediação do conhecimento, a forma e o processo de como deveriam ensinar tudo e para todos. Todos deveriam ser contemplados em suas particularidades fazendo-se uso apenas de atividades diferenciadas, que eram e ainda são um tabu.

Diante de todo esse avanço, hoje, pensar nestes tipos de conteúdos diversificados se tornou mais viável e até o conhecimento se tornou facilitado, uma vez que os educandos podem a qualquer momento fazer suas pesquisas a partir de um clique na internet, ou por meio da leitura de QR Code.

O educador passa a se identificar como mediador de tecnologias e é necessário pensar em um ensino de igualdade para todos e numa perspectiva de expandir seus

horizontes, mas é preciso conhecer todos os recursos disponíveis na atualidade para facilitar essa mediação do conhecimento. Desta forma, é necessário o professor conhecer e fazer uso destas ferramentas:

- AVA (Ambientes virtuais de aprendizagem);
- QR Code
- Aplicativos educacionais com armazenamentos amplos para os materiais didáticos.

Projetores e monitores interativos são recursos que facilitam a mediação do conhecimento:

• Câmeras fotográficas e celulares com capacidade para filmagem – principalmente após a pandemia do covid-19

- Áudio e vídeo conferencia -Ferramenta google de Aula (Google Class Room)
- Google Meet Google Agenda Google Drive Google Formulários
- Google Docs., planilhas e apresentações Google Jamboard – lousa digital
- Chat
- Correio eletrônico
- Wiki-dicionário, podcast.

As ferramentas se tornaram de grande utilidade para se manter as relações da mediação do conhecimento em todos os ambientes. De acordo com BOHN (2009)

Aplicações tecnológicas como redes sociais Wikis e Podcast oferecem soluções participativas para a construção do aprendizado colaborativo entre estudantes e educador através da coparticipação de ideias na rede principal de competidores (BOHN, 2009, p. 179)

A mediação do conhecimento colaborativo, segundo Youg digital planet (2016): seus benefícios principais são:

- Levar em consideração os diferentes estilos de mediação do conhecimento.
- Desenvolver habilidade cognitivas de alto nível.
- Incentiva os estudantes a assumir a responsabilidade por sua mediação do conhecimento
- Desenvolve habilidades de interação social
- Estimula a capacidade de comunicação oral;
- Ajuda os estudantes a focar nas tarefas e como consequência a menos indisciplina
- Tem semelhança com situações da vida real
- Favorece a inovação nas técnicas de aula (YOUG DIGITAL PLANET, 2016, p. 117)

É possível perceber, que na prática pedagógica o uso de ferramentas tecnológicas colaborativas, desperta o interesse dos educandos pelas disciplinas que estão aprendendo

despertando o gosto e o interesse dos estudantes, fazendo-se com que o ambiente de colaboração entre eles se torne de grande utilidade em relação a prática da mediação do conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, examinamos profundamente as dificuldades metodológicas que permeiam o processo de alfabetização e letramento em turmas do segundo ano do ensino fundamental. Identificamos uma série de desafios que os educadores e alunos enfrentam ao abordar esse estágio crucial no desenvolvimento da leitura e escrita.

Durante a pesquisa, também investigamos o impacto das ferramentas colaborativas na abordagem dessas dificuldades. Os resultados revelaram que a implementação de tecnologias colaborativas, como aplicativos e plataformas online, pode desempenhar um papel significativo na promoção da aprendizagem e no engajamento dos alunos. Essas ferramentas proporcionam oportunidades para interações construtivas entre os estudantes, incentivando a colaboração e a troca de ideias.

No entanto, é importante ressaltar que as ferramentas colaborativas não são uma solução única para todas as dificuldades metodológicas. Elas devem ser utilizadas de maneira complementar às estratégias tradicionais de ensino, levando em consideração as necessidades individuais dos alunos.

À medida que encerramos este estudo, fica evidente que a alfabetização e o letramento continuam a ser desafios complexos no ambiente educacional. A pesquisa nos lembra da importância de uma abordagem holística e flexível, que combine métodos tradicionais e inovadores, para melhor atender às necessidades de cada aluno. Observa-se que é necessário buscar mais conhecimentos na área das teorias e metodologias de ensino no sentido de ampliar as práticas docentes para que estas sejam orientadoras e significativas na vida do aluno.

Esperamos que este trabalho contribua para a reflexão sobre como enfrentar as dificuldades metodológicas na alfabetização e letramento e inspire educadores, pesquisadores e formuladores de políticas a explorar abordagens pedagógicas mais eficazes e inclusivas para o segundo ano do ensino fundamental.

O professor precisa ter acesso a uma formação voltada para alfabetização, com base em teorias e práticas que lhes façam refletir sobre o seu fazer pedagógico, de maneira que possa transformá-lo assim que sentir necessidade, de acordo com os seus educandos e seus reais anseios, entendendo que suas práticas devem estar direcionadas para o desenvolvimento integral de seus alunos.

É sabido das diversas problemáticas enfrentadas no contexto escolar e que estas

muitas vezes influenciam diretamente no ato de aprender por parte dos alunos, que ou se sentem motivados ou desmotivados a continuarem o processo, porém é de responsabilidade do professor e toda comunidade escolar oferecer condições para o desenvolvimento das crianças sob sua responsabilidade.

Com relação ao uso das ferramentas tecnológicas percebemos que a escola apresenta limitação na utilização da internet, carência de recursos tecnológicos e ausência de formação específica na área citada

Os problemas citados contribuem para a não utilização das ferramentas tecnológicas, ocasionando perda significativa no processo de aprendizagem dos alunos da referida escola.

Nesse sentido, de dificuldades educacionais, geralmente olhamos mais para os aspectos negativos que nos cerca e pouco vislumbramos o lado positivo de tudo a nossa volta, nesse sentido, as ferramentas tecnológicas, muitas vezes criticadas, podem se configurar como recursos favoráveis à aprendizagem, se tornando grande aliada para solucionar e ou amenizar tais dificuldades.

Dessa maneira tornar-se prático os acessos as tecnologias de informação para que a informação se transforme em conhecimento e transforme a vida das pessoas através das práticas educativas significativas, desde que o indivíduo observe e analise o que aprende e usufrua dele.

Quando se fala em dificuldades, é preciso em primeiro lugar ter-se compromisso com a aprendizagem dos alunos, principalmente na fase de alfabetização, que é uma etapa em que os conhecimentos adquiridos são levados para toda a vida. Pensar nos métodos de alfabetização, nas suas teorias e nas ferramentas digitais na alfabetização é poder proporcionar mais condições de aprendizagens para o público desta faixa etária.

Para tanto se faz necessário entender o que o mundo atual tem a oferecer neste sentido. Saber utilizar estes recursos e dominar a teoria e prática na hora de alfabetizar letrando só tem a somar no intuito de proporcionar um ensino mais dinâmico e prazeroso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOHN, Simone R.; PAIVA, Denise. **A VOLATILIDADE ELEITORAL NOS ESTADOS SISTEMA PARTIDÁRIO E DEMOCRACIA NO BRASIL**. Revista de Sociologia e Política, [S.l.], v. 17, n. 33, june 2009. ISSN 1678-9873. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/28741/18848>>. Acesso em: 29 jan. 2023. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- CHIAVENATO, i. **Planejamento estratégico: fundamentos e aplicações**. São Paulo: Elsevier. 2009.
- MORAIS, Artur Gomes. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012
- MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos & BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7a ed. São Paulo: Papyrus, 2003
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Caxambu: ANPEd, 2002
- TAKAHASHI, A. R. W. **Competências, aprendizagem organizacional e gestão do conhecimento**. Curitiba: Intersaberes, 2015